

EDUCAÇÃO

V.10 • N.3 • Publicação Contínua - 2021

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2021v10n3p119-132



A DIALÉTICA RACIONAL NA RELAÇÃO PRÁTICA EDUCATIVA EM UM AMBIENTE DE INTERVENÇÃO ESCOLAR

RATIONAL DIALECTICS IN PRACTICAL EDUCATIONAL RELATIONSHIP IN A SCHOOL INTERVENTION ENVIRONMENT

DIALÉTICA RACIONAL EN LA RELACIÓN PRÁCTICA EDUCATIVA EN UN ENTORNO DE INTERVENCIÓN ESCOLAR

Luiz Carlos Pereira Santos¹

Eline Alves Santos²

Daniela Venceslau Bitencourt³

Luzinete Santos Santana⁴

RESUMO

É irrefutável o impacto que um projeto pedagógico bem articulado entre docentes e discentes têm na forma como modifica as relações com a instituição. Uma intervenção escolar, quando aplicado em um viés de democracia, assume aqui uma posição proeminente pela forma como se interage e se constroem comunidades escolares prontas para os desafios de mudanças que se esperam. Este texto pretende apresentar uma reflexão na compreensão dialética na relação prática educativa para um ambiente de intervenção escolar. Para tanto, o presente documento busca em teóricos uma resposta para esta relação educativa em um direcionamento da intervenção escolar. Com isso, o tema em análise, para uma prática docente vivenciada para um ambiente de intervenção escolar, emana de uma pesquisa de cunho descritivo, de abordagem qualitativa voltada para auxiliar na compreensão de que os efeitos de uma intervenção compensatória e em tempo útil podem ter consequências muito positivas nas aprendizagens. Quanto ao procedimento bibliográfico, buscou-se um embate entre vários autores da academia na compreensão desta relação.

PALAVRAS-CHAVE

Racionalidade. Dialética. Ambiente de Intervenção. Prática Educativa.

ABSTRACT

It is irrefutable the impact that a very articulate pedagogic project between teachers and students has in the form how it modifies the relationships with the institution. An intervention school, when applied in a democracy inclination, assumes a prominent position here for the form as she interacts and ready school communities are built for the challenges of changes that are waited. This text intends to present a reflection in the understanding dialectics in the educational practical relationship in an atmosphere of school intervention. For so much, the present document searches in theoretical an answer for this educational relationship with the presence of the school intervention and as this relationship it can be an excellent middle of dialogue among discente and educational. With that, the theme in analysis for an educational practice lived for an atmosphere of school intervention emanates of a research of descriptive stamp, of qualitative approach gone back to aid in the students' understanding and their contexts social, cultural and institutional. With regard to the procedure, bibliographic sought to clash between the authors among others in the understanding of the relationship.

KEYWORDS

Rationality. Dialectic. Intervention Environment. Educational Practice.

RESUMEN

Es irrefutable el impacto de un proyecto educativo bien articulado entre profesores y estudiantes en las relaciones con la institución. Una intervención de la escuela, cuando se aplica en un sesgo democrático, asume una posición prominente por la manera como interactúa y crea comunidades escolares listas para los retos de los cambios esperados. Este texto tiene como objetivo presentar una reflexión sobre la comprensión de la práctica educativa de la relación dialéctica en medio de la intervención en la escuela. Para estos fines, el presente documento busca una respuesta teórica a esta relación educativa con la presencia de la intervención de la escuela y cómo esta relación puede ser un excelente medio de diálogo entre estudiantes y profesores. Con eso, el tema bajo revisión para una práctica docente experimentada para un ambiente escolar de intervención emana de una búsqueda de carácter descriptivo, enfoque cualitativo orientado a asistir a la comprensión de los estudiantes y sus contextos sociales, culturales e institucional. En lo que se refiere al procedimiento bibliográfico, se propone un enfrentamiento entre los autores en la comprensión de esta relación.

PALABRAS CLAVE

Racionalidad. Dialéctica. Entorno de intervención. Práctica educativa.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto aborda uma reflexão nas contribuições associadas à prática pedagógica para um ambiente de intervenção escolar, às quais foram analisadas a partir de um variado contexto de pesquisa bibliográfica. Com base na hipótese de que os problemas emergem do cotidiano escolar, foram abordados, um embate com os autores, em uma aproximação de intervenção voltada para a melhoria da escola. Considerando que um ambiente de intervenção significa, na maioria das vezes, a exposição do sujeito à integração e afirmação do seu valor social e do seu valor enquanto pessoa humana.

Ao aliar a ideia de asserção a um modelo de produção metodológica impressa na turma em que se desenvolve esta prática e que a Metodologia da Mediação Dialética foi didaticamente empregada, Nóvoa (1996, p. 56) afirma que “[...] formação não é qualquer coisa prévia à ação, mas que está e acontece na ação”. Isto implica em uma formação em que o eixo norteador “escola” em uma perspectiva de intervenção escolar aponta em um direcionamento para a formação-ação.

Considera-se que, empiricamente, a intervenção está no âmbito da própria escola. Porém, o epistemólogo Jean Piaget (1976) adverte que para isso, necessitam de uma atenção diligenciada no intuito de evitar suplantação de obsoletas formas pedagógicas e advindas de seus ancestrais, que seguem, pois, alunos que supostamente não praticam, não podem transformar sua inteligência.

Respaldados em Libâneo (1999), que orienta a que o corpo docente moderno continua a utilizar técnicas primitivas e ainda mal absorvidas de intervenção pedagógica, resultando em processo de ensino de ações meramente meticuloso de tentativa de erros. Neste ponto, as várias formas de identificar práticas pode ser bem contextualizada por Joyce e Weil (1985) quando identificam quatro dimensões: sintaxe, sistema social, princípios de reação e sistemas de apoio.

Antoni Zabala (1998, p. 22) entende que são necessários “[...] conteúdos de aprendizagem e certos critérios de ensino que são os que, de forma combinada incidem nas características que haveriam de adotar as variáveis metodológicas numa proposta de intervenção ideal”. Este diálogo de inserir o aluno em atividades intervencionistas dentro da escola, pode ser bem contextualizada quando Bernard Charlot (2014, p. 61) os identifica “[...] em jogo no debate sobre a atividade do aluno é decidir se esta é apenas um reflexo da posição social ou se se trata de uma atividade específica, que produz efeitos, mudanças”.

Deves salientar que a investigação na realidade educacional em transformação, com a finalidade de explicitar objetivos e processos de intervenção escolar, refere-se ao processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, o pedagogo, José Carlos Libâneo (1999, p. 25) qualifica que o professor:

[...] é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Contudo, e seguindo esta ideia, a percepção dos saberes, em sua história arquitetada pela humanidade, pelo processo racional e intencional, deve priorizar, articulando aos conhecimentos científicos, havendo aqui um distanciamento dos empíricos e ingênuos. Com isso, Saviani (1991, p. 8) identifica que:

Em consequência, o saber metódico, sistemático, científico, elaborado, passa a predominar sobre o saber espontâneo, 'natural', assistemático, resultando que a especificidade da educação passa a ser determinada pela forma escolar.

Ao abordar a dialética racional em uma relação prática educativa, debate-se uma complexidade do real que só pode ser conceituada em seu potencial quando analisada por uma dialética que se liberte dos esquemas intolerantes. Isso significa que sobreponha a novas oportunidades em horizontes constituídos, em ciências, pelas teorias da complexidade e, em Filosofia, pelas abordagens teóricas que persistem, corretamente, em esmerar-se a ampla competência de contingência e pluralidade que cruzam a vida humana.

Ao analisar a dialética como um método de diálogo que se enquadra na raiz da contraposição e contradição de ideias, é de considerar que mesmo advindo da Grécia antiga, Aristóteles (aprox. 490-430 a.C.), Sócrates (469-399 a.C.) já idealizavam que somente por meio da dialética, poder-se-ia buscar instrumentos indispensáveis para o entendimento da essência daquilo que se faz e das atividades que se dedicam.

Entende-se, então neste contexto, a considerar, entre os diversos métodos de pesquisa, uma insurgência no propósito da intervenção escolar, utilizando o próprio surgimento de variedades distintas. Neste segmento, pode-se insurgir a tal propósito na surgência de práticas docentes.

O psicólogo Stephen Corey (1953), positivista, buscou formas de melhorar a prática docente e os resultados educativos. No quesito prática, orienta na direção pelo qual os práticos testam sua própria prática para resolver problemas que são seus. Neste entendimento, a partir da teoria do campo psicológico, formulada por Lewin (1946), que veio a atender a formação dos alunos em práticas educacionais, condiciona a acolher ao propósito da escola, em virtude das variações individuais do comportamento humano, condicionadas pela tensão entre as percepções que o discente tem de si mesmo e pelo ambiente psicológico em que se insere, dentro do espaço escolar, onde abre-se novos caminhos para o estudo dos grupos de alunos.

O método dialético propicia um aperfeiçoamento na compreensão dos fenômenos, considerando a totalidade e as contradições da realidade. Dessa forma a dialética racional pode contextualizar a forma como os alunos enxergam uma sala de aula e o restante da escola.

Com isso, Demerval Saviani esclarece que a visão dialética “nos arma de um instrumento, ou seja, de um método rigoroso (crítico) capaz de nos propiciar a compreensão adequada da radicalidade e da globalidade na unidade da reflexão filosófica” (SAVIANI, 2000, p. 18).

A priori, a intervenção escolar realizada pelos atores, deve ser conhecedores do tipo de projeto de intervenção que se pretende executar e para isso, Grundy (1983), pressupõe que deve existir uma dialética entre escolha do tópico e cooperação entre os envolvidos.

A esse momento, vale ressaltar a possibilidade de existir neste percurso, a justa resistência de certos obstáculos epistemológicos ao qual Gaston Bachelard (1997, p. 15) informa que, “quando o conhecimento empírico se racionaliza, nunca se pode garantir que valores sensíveis primitivos não interfiram nos argumentos”.

Para tanto, Grundy (1983) qualquer que seja a tomada de decisão, o conhecimento deve ser orientado sob a estratégia de ação planejada, que deve ser implementada e, a seguir, sistematicamente submetidas a observação, reflexão e mudança.

Parafraseamos Elisabeth Teixeira (2010, p. 18), que nos coloca o valor do conhecimento, que em suas ramificações, resultam em saber manipular, desvendar, apreender, expressar, construir e transmitir conhecimento, contornando no próprio dever da metodologia “em que um sujeito (aluno / professor) irá se relacionar epistemologicamente com determinado objeto de estudo [...] sujeito e objeto se encontrarão e o real será compreendido, retratado ou criticado”.

Para tanto, a pesquisa intervenção a ser inserida em virtude de um tipo de investigação que se torna particularmente útil em um contexto escolar e colaborativo, remete à sua utilização para mudança que a escola necessita. Isso pode ser observado na historicidade quando do uso do termo “investigação-ação”, a partir da pesquisa apresentada por Dawn Brown (1997), de John Dewey (1959) onde ambos utilizam o termo professor-investigador como um meio de promoção da prática educativa.

A justificativa para entender que a pesquisa no direcionamento de uma intervenção no campo da educação e principalmente, para ser interposta em aula, pode-se fundamentar o seu uso. Thiollent (1997, p. 36), quando do planejamento para a tomada de decisão, diz que “requer, no mínimo, a definição de vários elementos: um agente (ou ator), um objeto sobre o qual se aplica a ação, um evento ou ato, um objetivo, um ou vários meios, um campo ou domínio delimitado”.

2 A RELAÇÃO PRÁTICA EDUCATIVA

Neste segmento, estarão presentes como atores o professor(a) orientador(a), conduzindo cada sequência e aplicação e os alunos, que conduzirão o desenvolvimento do projeto, acrescentando seus objetos de pesquisas nos vários momentos do contexto da atividade pesquisada.

Michel Foucault (1995, p. 239), em seus estudos da prerrogativa metodológica de orientação à produção de estudo, direciona para o comprometimento com a prática educativa, o que contempla, permeando “a questão do tempo presente e daquilo que somos neste exato momento”.

Essas práticas, desenvolvidas a partir de material de trabalho, pode ser contextualizada em forte inspiração nos trabalhos desenvolvidos por Stephen Corey, que nos princípios da década de 1950, quando da experimentação do currículo, incorporou à prática educativa, resultados identificados por meio de pesquisa.

Neste íterim, nos convida a refletir as atitudes desempenhadas para reprodução em sala de aula, quando informa que “ouvir dizer o que devemos fazer é muito diferente de descobrir pessoalmente o que devemos fazer” (COREY, 1979, p. 298).

A própria Lei de diretrizes e bases da educação em seu título IV, “Da Organização da Educação Nacional”, art. 12, em seu respaldo democrático, delega ao sistema de ensino a incumbência de entre outros: elaborar e executar sua proposta pedagógica; velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente; prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento; articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola (BRASIL, 2017, p. 14).

Para que haja uma intervenção condizente com os anseios dos alunos, devem estar presentes o planejamento global da escola, contendo o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Plano de Desenvolvimento Escolar (PDE) e a participação em conjunto da comunidade escolar.

Resultados de Paulo Freire (2000, p. 47), parametrizado em seus postulados, em sua reflexão crítica, identifica que “para o educador-educando, diálogo, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição”, refletindo, em sua opinião, em “um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada”.

Então, podemos corroborar com Carlos Rodrigues Brandão (1995, p. 38) em sua sintonia no conceito de educação em que “[...] Ao lado da formação da personalidade, da preparação necessária de cada cidadão para assumir as obrigações sociais e políticas, a educação desempenha a tarefa de preparar para o trabalho [...]”.

Acerca da afirmação, Antônio Carlos Libâneo (2008, p. 10) agrega que a escola deve oferecer serviços de qualidade e um produto de qualidade “[...]de modo que os alunos que passam por ela ganhem melhores e mais efetivas condições do exercício da liberdade política e intelectual [...]”.

Com isso a dialética passa a ser mais um método de investigação da realidade, em que Hegel e Marx (2007), passam a constituir em ideias pragmáticas, que neste segmento de discussão das coisas, é imanente ao próprio movimento do objetivo e subjetivo. Neste campo da dialética educacional, essa participação se torna inseparável, uma vez que revela seu caráter dinâmico e ao mesmo tempo contraditório, em que os elementos opostos e as diferenciações ocupam benefícios fundamentais ao grupo participante.

Podemos, assim, compreender nas palavras de Gabriel Chalitta (2001, p. 58), que “a educação não pode ser mero instrumento do conhecimento para fins de competitividade”. Para tanto, busca-se na “educação ao entendermos o homem concreto, suas necessidades básicas e suas privações” (GADOTTI, 2004, p. 89). Dessa forma, “a educação deve ser tão ampla quanta a vida” (GADOTTI, 2000, p. 42).

Por isso que, introduzir uma dialética na pesquisa educação, vem a contribuir para aquilo que o alemão Hegel, ao retomar o pensamento de Heráclito e Platão, considerou que a dialética deve ser visada na superação das oposições estabelecidas por cada sociedade, em cada época (MARX; ENGELS, 2007).

Porém, o filósofo alemão Karl Marx, refuta que as contradições das coisas não dependem de uma razão que venha a transcender nossa realidade, mas tornam-se progênito do modo como se organiza essa produção, ou seja, uma consciência de classe, ao qual consideramos a verdadeira responsabilidade por parte de professores, alunos e colaboradores dentro da escola.

A antítese, então, passa a ser uma das ferramentas elementares para o entendimento do processo de investigação dialética, o que foi provocada para incluir nos alunos, a inserção de elementos na escola fruto da sua racionalidade e desafio perante a escola que estuda (MARX; ENGELS, 2007).

Dessa forma, Manacorda (1991), salienta que a epistemologia alicerçada no materialismo histórico e dialético se encontra ausente da grande maioria das atividades pedagógicas e que o seu materialismo dialético necessitaria estar presente em sua racionalidade para o estabelecimento de valores.

A racionalidade, dessa forma, se estrutura nos discentes em seu espaço proletário, a partir do momento que procura substituir o conhecimento que se apresenta com as crenças, cultura popular e das explicações míticas, o que torna a racionalidade um motivo de se buscar a razão a não perceber seu “irracionalismo” por não conseguir retornar ao seu ideal crítico.

Para Marcos Nobre (2004, p. 49), Karl Marx, entende que o papel do proletariado como agente histórico de sua emancipação “produz não apenas a ilusão de uma sociedade de livres e iguais, mas também a da possibilidade concreta da realização da igualdade e da liberdade”.

3 AMBIENTE DE INTERVENÇÃO ESCOLAR

Esse movimento dialético que procura integrar o aluno aos problemas da escola, favorece a sua incorporação e aproveitamento para, finalmente, recambiar à sociedade com novos princípios morais e éticos. A dialética então, em busca desta reflexão, veio a atender enquanto criação científica, uma exigência fundamentada na epistemologia.

Para tanto, essa proposição materialista dos fatos, funda-se na dialética da realidade. Contudo, ao argumentar essa temática, nos propõe a pensar nesta tradição marxista, um método científico, ou seja, uma dialética epistemológica, nos guiando em um conjunto de leis ou princípios que governam a totalidade da realidade e que nos levam a uma dialética ontológica.

Coadunamos com Marx e Engels (2007), quando se invoca a sua sabedoria condizente para uma dialética sustentada na fundamentação do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano, combinando com o próprio movimento dialético. Sanfelice (2008, p. 23) identifica que esse princípio só existe na dialética quando “houver movimento, e só há movimento se existir processo histórico”.

Com isso, entende-se que é a instituição promotora da educação formal e, neste ínterim, a própria escola está posta no centro que determina a sua atividade social, para Marise Ramos (2012, p. 124) “[...] pela proposição de desafios, problemas e/ou projetos, desencadeando, por parte do aluno, ações resolutiveas, incluídas as de pesquisa e estudo de situações, a elaboração de projetos de intervenção [...]”.

Paulo Freire (BRASIL, 2004) traz uma reflexão, afirmando que o indivíduo em sua relação com outros de sua espécie e seu meio, deve intervir quando reconhecido que a estrutura pode ser modificada, mesmo estando em curso, em detrimento a outra forma de organização social e escolar e assim relata:

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola

na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente. BRASIL, 2004, p. 7).

Para tanto necessita-se compreensão da necessidade da superação pela razão. Para isso é mister ainda não aceitar no universo das interpretações, do bom senso, do manifesto, da convivência. Fato este que está póstumo ao próprio nascimento da dialética, quando submetida às ideias do aparecimento do existencial a do superficial e do comum.

A dialética dialoga desta forma suas ideias no rigoroso exame em que:

[...] formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade para se mostrarem como 48 fenômenos derivados e mediatos, como sedimentos e produtos da práxis social da humanidade. (KOSIK, 1976, p. 16-17).

Seria condizente reafirmar a partir de uma vivência que condiz com a relação prática. Para vivenciar esta fundamentação, seria coerente inserir um trabalho de intervenção de Zapater (2004), que apusera a um programa de educação postural em escolas de Bauru/SP.

A esta aplicação, foi verificado se a comunidade escolar haveria mudança de hábitos. Com um pleno esforços dos professores que ao final do trabalho, verificaram uma boa aceitação do público, uma vez que o programa proporcionou aumento do conhecimento da postura sentada adequada para o estudo.

Outro programa de intervenção, executado por Gabriel, Santos e Vasconcelos (2008) avaliaram um programa para promoção de hábitos alimentares saudáveis em escolares do ensino fundamental de Florianópolis/SC. Para esta intervenção, 162 escolas foram pesquisadas.

A metodologia envolveu a aplicação de um questionário de consumo alimentar e o aferimento de peso, estatura, idade e sexo, antes e após um mês de finalizada a intervenção.

Ao final e seguindo os protocolos recomendados pela Organização Mundial de Saúde para a coleta de medidas antropométricas, houve redução significativa do consumo de bolachas recheadas pelos meninos da escola particular e aumento do consumo de merenda escolar e frutas na escola pública, ou seja, houve mudanças de atitudes.

Podemos considerar neste outro estudo de intervenção, realizado por Carvalho e outros autores (2009), que o *entretido* assumiu uma reservada relevância na prevenção dos comportamentos de *bullying* no contexto escolar.

De acordo com os autores, os Parâmetros Curriculares Nacionais, desde de 1997, condizem a importância de trabalhar conceitos e valores básicos humanos como recurso a jogos que patrocinam o desenvolvimento de capacidades de respeito mútuo, trabalho em equipe, capacidades de julgamento e justiça, valorização e desenvolvimento da solidariedade e da dignidade, estimulando conhecimento sobre a necessidade de respeitar o outro.

O resultado apresentado foi o fato que a atividade livre e recreativa permitiu o estabelecimento de relações de maior proximidade com a escola.

Cabe aqui uma aproximação para a integração da família neste processo. Pode-se entender que o envolvimento da comunidade também é fundamental nesse processo de identificação do aluno com a escola.

Para tanto, Paulo Freire (1998), reafirma que é função da escola, a partir processo educativo, cientificar seus alunos e suas famílias da sua condição na sociedade em que vivem para que liberação e educação, ocorram.

O autor ainda condiz que este engajamento pode impulsionar pais e estudantes a saírem de um estado de alienação, fazendo-os sentirem-se mais capazes no processo educacional e mais participativos na sua comunidade e sociedade.

O que equivale racionalizar a que o processo dialético desmistifica os fatos e fenômenos, ao tal ponto que a intervenção funcione em sua essência, mediante uma atividade peculiar, aí entrando o conhecimento do trabalho da ciência e da filosofia.

Dessa forma, na dialética os fatos e fenômenos, transformam-se

[...] sem a qual não há conhecimento. [...] sob o mundo da aparência se desvenda o mundo real; por trás da aparência externa se desvenda a lei do fenômeno; por trás do movimento visível, o movimento real interno; por trás do fenômeno, a essência. (KOSIK, 1976, p. 16).

Entende-se, partindo para uma racionalidade, onde tais formas de utilizar intervenções dentro do ambiente da escola, apontam ficar mais complicadas neste novo século. Contudo, Leandro Konder (2011, p. 76) argumenta que “o direcionamento destas soluções dialéticas eficazes para os problemas dessa superação vai depender de opções ainda não realizadas, de caminhos imprevisíveis”.

Assim, corroboramos com Leandro Konder (2011, p. 76) ao afirmar que

[...] os indivíduos precisarão se empenhar em elevar o seu nível da consciência crítica, para poderem participar mais efetiva e conscientemente do movimento de transformação da sociedade” e alega que para isso “precisarão assimilar melhor e aprofundar o pensamento dialético.

Antoni Zabala (1998, p. 98), dada a diversidade dos alunos, “para que tudo isso seja possível é preciso tomar medidas de organização do grupo, de tempo e de espaço e, ao mesmo tempo, de organização dos próprios conteúdos [...]”.

A escolha racional, então, apropria-se e comanda as decisões tomadas em função das consequências e das preferências. Alternativas são escolhidas em função das consequências esperadas e são comparadas na medida em que elas (alternativas) atendem às preferências dos tomadores de decisão.

Gramsci (2004, p. 18) identifica o ser humano consciente com sua interação com o meio e o seu grupo social, o que “[...] cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político [...]”.

Isso vem condizente com a preocupação da escola em seu entendimento do homem em sua interação com o seu meio, tornando-se consciente de seus direitos e deveres, suas responsabilidades, almejando a capacidade de modificar suas realidades e de contribuir para o bem-estar social e sua racionalidade.

Piaget (1973, p. 43), quando discute o assunto da racionalidade, afirma que “essa natureza reflexiva, crítica e reguladora da cooperação é que permite a socialização intelectual do homem, abrindo espaço para a construção de um equilíbrio racional consciente”.

Contudo, Leandro Konder (2011, p. 82) salienta que a “função não é tornar determinadas pessoas plenamente satisfeitas com elas mesmas”, o que considera que “o método dialético nos incita a revermos o passado à luz do que está acontecendo no presente”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscarmos identificar a dialética racional e entendermos a sua relação na prática educativa, quando democraticamente professores e alunos se somam em buscar no fenômeno da intervenção, um motivo de transformação da qualidade do ensino na escola.

Percebe-se que envolver alunos como protagonistas participantes em intervenções na escola, vem a produzir efeitos positivos em sua aprendizagem, atentando-se para as mudanças democráticas interagidas entre professores e alunos.

Buscar uma intervenção referenciado no processo de ensino-aprendizagem, vincula uma inserção de valores éticos e institucionais, acarretando um impacto positivo na autoestima de todos os envolvidos no processo educativo, o que é fundamental, pois a vontade permite fazer acontecer e o desejo implica em possibilidades.

Com isso, corroboramos nas dificuldades que o professor terá quando do contínuo uso de técnicas pedagógicas tradicionais e se recusa a inovar no seu processo de ensino.

O resultado é que, partindo para um projeto de intervenção escolar, terá os condicionantes de democratizar o processo ensino/aprendizagem. Considerando para que esse processo de transmissão e Comunicação, no quesito formação humana, seja conquistado, requer de fato conhecimento do tipo de projeto de pesquisa que se quer produzir, haja vista que não se concebe a um professor reproduzir conhecimento sem uma reflexão crítica e construtiva.

A dialética se mostra neste contexto como uma realidade investigada e produzida fruto do campo educacional em seu caráter dinâmico e contraditórios fundamentado no grupo participante. A Competitividade aqui se limita a uma distância que não faz jus a este instrumento.

Contudo, deve-se compreender que as crenças, cultura popular e as explicações míticas devem agregar a racionalidade como motivo de se buscar a razão e não a produzir um irracionalismo por finalizar o seu ideal crítico.

Ao envolver o aluno em um movimento dialético na relação prática educativa, concebe aqui uma prestação de serviços éticos, morais, imprescindíveis para uma formulação da intervenção escolar, o que se afasta de devaneios.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares: Conselhos Escolares: **Democratização da escola e construção da cidadania**. Brasília-DF, novembro de 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad1.pdf. Acesso em: 9 jun. 2018.
- BROWN, D. Teachers as Researchers: Some historical issues. *In*: ZACK, V. MOUSLEY, J.; BREEN, C. (ed.). **Developing practice**: teacher's inquiry and educational change. Geelong, Australia: Centre for Studies in Mathematics, Science and Environmental Education, 1997. p. 193-200.
- COREY, S. M. **Action research to improve school practices**. Nova York: Teachers' College Press, 1953.
- CHALITTA, Gabriel. **Pedagogia do afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2001.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014.
- DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1959.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: HUBERT, Dreyfus; RABINOW, Paul (org.). **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- RAMOS, M.; FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (org.). **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GABRIEL, C. G.; SANTOS, M. V.; VASCONCELOS, F. A. G. Avaliação de um programa para promoção de hábitos alimentares saudáveis em escolares de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 8, n. 3, p. 299-308, jul. 2008.

- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 4. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.
- GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 5. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** V. 1. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRUNDY, S. J.; KEMMIS, S. **Educational action research in tional action research in Australia: Australia the state of the art**. Geelong: Deakin University Press, 1983.
- JOYCE, B.; WEIL, M. **Modelos de enseñanza**. Madri. Anaya. “La programación didáctica”, Aula de Innovación Educativa, 1, Monografía, 1985.
- KONDER, Leandro. O que é dialética. 12. Ed. Abril Cultural, Brasilienses, Coleção Primeiros Passos, 2011.
- KOSIK, Karel. **O Mundo da pseudoconcreticidade e sua destruição**. Dialética do Concreto. 2. ed. RJ: Paz e Terra, 1976.
- LEWIN, K. Action research and minority problems. **Journal of Social Issues**, Malden. v. 2, n. 2, p. 34-36, 1946. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x/full> >. Acesso em: 14 mar. 2018.
- LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**. São Paulo: Loyola, 1990.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Autores Associados, 1991.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NOBRE, M. **A teoria crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- NÓVOA, A. (org.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1996.
- PIAGET, Jean. **Estudos sociológicos**. São Paulo: Companhia Editora Forense, 1973.
- PIAGET, Jean. **O desenvolvimento do pensamento: a equilibração das estruturas cognitivas**. Lisboa: Dom Quixote, 1976.

SANFELICE, J. L. Dialética e pesquisa em educação. *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (org.). **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 25. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução: Emani F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAPATER, A. R.; SILVEIRA, D. M.; VITTA, A.; PADOVANI, C. R.; SILVA, J. C. P. Postura sentada: a eficácia de um programa de educação para escolares. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 191-199, 2004.

Recebido em: 28 de Agosto de 2018

Avaliado em: 9 de Dezembro de 2019

Aceito em: 10 de Dezembro de 2020



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Professor, Pesquisador, Instituto Federal de Sergipe, E-mail: l Luiz.pereira@ifs.edu.br;

2 Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Sergipe (2006), mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Campina Grande (2009) e doutorado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Campina Grande (2014). Atualmente é Professora Efetiva do Instituto Federal de Educação de Sergipe. Tem experiência na área de Engenharia Elétrica, com ênfase em Eletrônica, com doutorado em Processamento de Sinais, na área de Telecomunicações, em Codificação de Canal. eline.santos@ifs.edu.br

3 Pesquisadora, Universidade Federal de Sergipe, E-mail: daniela.aju@hotmail.com

4 Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Sergipe (2019) Especialização em Tecnologias em Educação (2010). Especialização em Educação e Gestão pela Faculdade Pio Décimo (2007); Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Sergipe (2004). Atua como docente na Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SE desde de 2004.



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

